



# XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

---

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

---

VALORES CULTURAIS E POSSIBILIDADES NA PRODUÇÃO DO LUGAR ENTRE A FAVELA E O CONJUNTO DE APARTAMENTOS: O CASO DE ABENÇOADA POR DEUS, RECIFE

**Edinéa Alcântara de Barros e Silva** (UFPE/MDU) - edinealcantara@gmail.com

*Doutoranda em Desenvolvimento Urbano*

**Circe Maria Gama Monteiro** (UFPE/MDU) - monteiro.circe@gmail.com

*Professor titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do MDU*

## **Valores Culturais e Possibilidades na Produção do Lugar Entre a Favela e o Conjunto de Apartamentos: o caso de Abençoada por Deus, Recife<sup>1</sup>**

### **1. As Soluções para Moradia de Baixa Renda**

O que faz com que moradores de baixa renda prefiram voltar para as palafitas a morarem em um apartamento de dois quartos de um conjunto habitacional?

Planejadores, gestores e técnicos que formulam e executam políticas e projetos habitacionais poderiam se surpreender ao ouvir uma moradora de um conjunto habitacional mencionar que “preferia voltar pros ratos e pras baratas, que não faz (*sic*) mal a ninguém”.

Esta frase deveria fazer eco e produzir reflexões sobre os padrões e modelos de solução habitacional, principalmente se foi dita por uma moradora que experienciou a vida tanto na palafita como no conjunto. Pra melhor refletir sobre a questão este artigo analisa o Conjunto Habitacional Abençoada por Deus, um caso emblemático de solução habitacional verticalizada para baixa renda, com 428 apartamentos doados pela Prefeitura do Recife aos moradores da antiga Comunidade Abençoada por Deus, localizada à beira do rio entre áreas residenciais da cidade do Recife.

A opção da moradora de voltar para as palafitas onde morava na beira do Rio Capibaribe não significa exatamente “voltar pros ratos e pras baratas”, mas principalmente voltar para a vida que tinha lá. Para melhor desenvolver o argumento é preciso conhecer as peculiaridades da vida que as pessoas levavam na antiga palafita à beira do Rio Capibaribe e comparar com a vida que passaram a levar no conjunto habitacional. Este exercício objetiva contribuir com a discussão sobre a adequação de soluções habitacionais de modo que possam possibilitar melhorias a longo prazo e uma vida com maior satisfação para os moradores.

A produção de moradias para pessoas de baixa renda é um tema amplamente debatido e estudado, o que as vezes remete a sensação de que não há nada de novo a ser dito. No entanto, as inadequações das soluções habitacionais implantadas recentemente demonstram que muito ainda necessita ser pensado tanto no âmbito das políticas públicas, como da produção acadêmica.

Na cidade do Recife assim como em outras capitais, a solução de habitação popular verticalizada mais adotada tem sido blocos de apartamentos tipo caixão, com quatro pavimentos, visando maximizar a relação custo-benefício do uso do solo e minimizar custos de construção. No entanto, as experiências de remoções e relocações de habitantes de favelas e palafitas para conjuntos de apartamentos demonstram que muitas vezes estes não conseguem prover uma moradia adequada às necessidades e aos desejos destes

moradores. Tal fato pode ser constatado pelo alto índice de repasse e aluguel dos apartamentos, já imediatamente após a ocupação. A maioria das famílias afirma não se adaptar aos apartamentos, outras procuram se adaptar à força, por não possuírem outra opção, mas sem dúvida, muitos encontram grandes entraves no novo modo de morar. Outra demonstração de inadequação às necessidades, que representa a insatisfação com esta solução, é a extensão das modificações efetuadas tanto internamente nos apartamentos como nos espaços públicos dos conjuntos, conforme apontam vários estudos (MONTEIRO, 2008; MONTEIRO, 2000; LEITAO, 2000, AMORIM; LOUREIRO, 2001).

Observa-se após poucos anos da implantação dos conjuntos a intensa construção de novos cômodos, a abertura de terraços e uma profusão de janelas voltadas para a rua assim como portas e escadas individuais buscando o acesso direto do apartamento ao espaço público. Tais transformações indicam na maioria das vezes a busca pelas qualidades vivenciadas na antiga moradia, assim como a rejeição do arranjo condominial.

Apesar das desvantagens associadas a esta solução habitacional, proposta para populações de baixa renda, especificamente: a pouca flexibilidade para alteração dos arranjos espaciais, a extrema densidade, a segregação urbana e inadequação cultural, as políticas habitacionais continuam fomentando projetos pouco sustentáveis socialmente e que agravam os problemas de seus moradores. Esta afirmação ecoa as clássicas palavras de Turner (1972, 1976) que com sua longa experiência com habitação na América Latina, entendia que favelas deveriam ser vistas como uma solução, e conjuntos habitacionais como um grande problema.

Alem destas questões internas da configuração espacial dos conjuntos existe um problema estrutural que é a suburbanização advinda da localização destes enclaves de pessoas pobres entre a cidade e a periferia, que maximiza o não pertencimento ao lugar e a cultura da violência.

Este artigo procura compreender a forma de viver na favela e analisa as mudanças em relação à moradia em apartamentos. Pretende identificar quais aspectos determinam esta rejeição da moradia em conjunto habitacional e quais os valores e os hábitos culturais dos moradores de favelas precisam ser incorporados para oferecer uma melhor solução habitacional.

Conhecer os problemas associados a esta tipologia pode ajudar na formulação de políticas habitacionais mais sustentáveis que atendam as necessidades e desejos da população tanto no presente como no futuro favorecendo assim a relação entre os moradores sem subverter seus conceitos, hábitos e cultura.

## **2. Valores culturais e práticas sociais cotidianas no espaço de moradia**

O interesse pela cultura como construtora de identidades tanto individuais como coletivas, ressurgiu recentemente com a constatação da inadequação de inúmeras soluções habitacionais à população a que se destina. Programas habitacionais estandardizados que buscam oferecer soluções para moradores urbanos como se representassem uma só categoria, tratando do mesmo modo populações em meios rurais ou na floresta amazônica, estão fadados a grandes equívocos sócio-culturais. Os resultados negativos são aparentes e levam ao questionamento de como políticas centralizadas poderiam considerar valores culturais para promover soluções mais adequadas à diversidade de vida da população.

Tal apreensão no campo da arquitetura se deve à crescente “imposição” de espaços com desenhos seguindo princípios emanados por culturas que pouco têm a haver com o modo de viver local. Neste sentido, é importante re-visitar a discussão sobre arquitetura, forma urbana e cultura (Rapoport, 2005, Low, 2003, Canclini, 2001) e trazer à tona antigas indagações. Como nossa cultura percebe e se apropria do espaço? Como formas espaciais estão relacionadas com valores e idéias de cultura locais? Como se articulam ou se contrapõem aos valores formais ou globalizados?

Estamos à procura de uma noção de cultura vivenciada, compreendendo-a como algo que é, conscientemente ou não, parte integrante da vida das pessoas; que influencia o modo como estruturam suas vidas; como desenvolvem suas atividades diárias e estabelecem interações sociais nos lugares que vivem – que se reflete em como usam e modificam estes lugares, de modo a melhor responder a seus objetivos.

Diferentemente das visões sociológicas que consideram cultura como um enquadramento rígido, uma superestrutura que determina a vida das pessoas; a cultura vivenciada seria conceituada como uma estrutura dinâmica e flexível que permite a existência de conflitos e contradições, proporcionando um referencial prático para suas vidas, sendo ao mesmo tempo, constantemente reformulada pelas experiências vividas.

Esta definição é particularmente importante porque articula a noção de práticas como um agenciamento individual que sofre a influência de uma superestrutura de valores e significados culturais ao mesmo tempo em que a transforma.

A cultura ou o ambiente cultural é tido como arcabouço de onde emanam normas e valores que governam a atitude das pessoas em uma dada sociedade, sendo esta por sua vez, constantemente transformada na cotidianidade, pois as práticas sociais costumam alterar ou manter tais estruturas. Esta noção eminentemente interacionista se aproxima do sentido etimológico da palavra latina onde cultura se origina de “cultivo”, ou seja, a cultura vivenciada é a maneira com que pessoas cultivam “valores e padrões de atividades humanas e as estruturas simbólicas que conferem significado a estas atividades”.

A cultura assim é vista como uma estrutura flexível que incentiva e orienta práticas sociais, proporcionando um arcabouço regulador de atitudes, ações e regras que guiam cotidianamente o comportamento de pessoas no espaço, que por sua vez re-significam e transformam estes conteúdos.

Com estas considerações, este trabalho se debruça a ouvir os moradores da Comunidade Abençoada por Deus a procura de compreender, segundo seus conceitos e forma de ver o mundo, as transformações sofridas em suas vidas ao mudar para o Conjunto Habitacional. Uma mudança não somente de lugar, mas de estrutura de espaço doméstico, de relações espaciais com vizinhos, de formas de controle social, de vida econômica com efeitos na forma como se vêem no mundo e do que constroem sua felicidade.

### **3. A Vida nas Palafitas na Beira Rio**

A originária comunidade Abençoada por Deus, onde a maioria vivia em palafitas, era situada às margens do Rio Capibaribe, em uma área de aproximadamente 2,5 ha incrustada na Vila Santa Luzia, no bairro da Torre. O entorno marcadamente constituído por bairros de classe média conta com a presença de equipamentos comerciais como o Supermercado Carrefour e do outro lado do rio o Shopping Plaza; nas proximidades da área dois espaços públicos: a Praça de Santana e o Parque da Jaqueira usados como áreas de lazer. (ver fotos 1 e 2)

As primeiras edificações eram de plástico, papelão e lata e posteriormente melhorados com madeira e alvenaria. Não existia pagamento para uso da água. Possivelmente aí reside uma das causas da inadimplência nas atuais contas de água. Com a privatização da companhia de energia elétrica, os moradores passaram a pagar a taxa mínima de luz consumida.

O processo de relocação dos moradores de Abençoada partiu de um elaborado projeto social cujo objetivo era minimizar o impacto da mudança. O projeto social enfatizava a participação da comunidade como elemento essencial à mudança de hábitos, atitudes, para criar as condições necessárias para que a população compreendesse e valorizasse sua nova trajetória na sociedade e pudesse exercer plenamente sua cidadania. Entre os riscos apontados pelo projeto social estavam: i) a inadimplência dos moradores quanto ao pagamento de água, luz, condomínio, esgoto, impostos, etc.; ii) o repasse dos apartamentos para pessoas com faixa de renda superior aos beneficiados e iii) o uso inadequado dos equipamentos de uso coletivo e individual. Os riscos apontados possuem causas complexas e estruturais que envolvem o problema da desigualdade social, desemprego, entre outros, cuja solução depende de macro-políticas econômicas e sociais do país e da região. As medidas apontadas são mitigadoras<sup>2</sup> e caso tivessem sido implantadas poderiam diminuir os riscos, mas não impediriam que os problemas ocorressem.

Muitos foram os depoimentos de moradores que gostavam mais da antiga favela: sentiam-se mais confortáveis, mais seguros, havia mais opções de lazer. A proximidade entre as casas na favela favorecia o aproximar-se do outro, a troca, a sociabilidade e o sentimento de fazer parte de uma comunidade. O isolamento dos apartamentos inibe o compartilhar com o outro: uma comida especial que se faz, o feijão, o bolo. Esta entrevistada se sentia mais comunidade lá, onde compartilhava a comida que fazia com os vizinhos: “Eu trabalho de segunda a sexta; sábado e domingo eu tô em casa. Aí eu gosto de fazer feijão, [...] adoro fazer bolo. Todo mundo lá gostava do meu bolo, eu dava a todo mundo. Eu dava a todo mundo do meu feijão, do meu macarrão.” (moradora A)

Estar morando nos apartamentos oferece a condição de ter uma casa, é o que revela uma outra moradora quando perguntada sobre o que gostava de morar lá: “[...] Em termos de infra-estrutura. Se pode dizer que é uma casa. E o que eu não gosto é que é muito agitado, muita violência.” (moradora B) No entanto, esta mesma pessoa, como a maioria entrevistada, afirma que o sentimento de comunidade era maior na favela:

Lá a gente era mais comunidade. Quando chegou aqui ficou aquele ovo, né? Apertado, mais próximo, outro mais afastado. Lá era mais unido, até pra ficar lá na frente, se reunia, bebia, quem não bebia, bebia guaraná. Ficava lá, brincando, ficava, às vezes, até amanhecer. Aqui não. (moradora B)

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito à produção do lugar. E aí reside uma grande diferença. Na antiga Comunidade Abençoada por Deus eles construíram suas próprias casas. Da forma que queriam, de acordo com suas necessidades e nos limites de suas possibilidades. (ver fotos 3, 4 e 5)

Na nova moradia eles não participaram da construção do lugar; na favela, quase 90% dos moradores realizaram as benfeitorias nas suas casas, participando ativamente da construção, o que fortalece o vínculo e o amor ao lugar. A casa é construída por partes, com economias do orçamento familiar, doação de material, por vezes das patroas das domésticas que trabalham para a classe média.

[...] e hoje não tenho minha mansão. Minha mansão era lá, lá pra mim era tudo, minha vida. Era casa grande, enorme [...] fui fazendo aos poucos. Eu comecei com a casinha de cachorro de plástico, eu e ela (a filha) [...]. Meu patrão me ajudou, me deu plástico, depois me deu madeira, telha. Depois eu disse ‘Quer saber de uma coisa? Vou fazer minha mansão de alvenaria’, aí comecei a juntar. (moradora A)

A construção ocorreu em etapas, à medida que as economias permitiam e em função das ajudas recebidas. Às vezes contratavam um pedreiro e as próprias donas de casa trabalhavam de ajudante de pedreiro. Mas mesmo ao final do dia de trabalho a satisfação de estar realizando um sonho deixa as pessoas muito felizes, que esquecem o cansaço e sobre-trabalho de construir a casa no final de semana:

Trabalhávamos no final de semana, às vezes ia até de noite. De noite eu tava [...] eu não tava nem aí!!! Eu tava vendo tudo ficando tão bonito, tão maravilhoso, toda em tijolo, rebocada, eu ficava tão feliz!!! [...] Eu gostava tanto, eu amava cantinho por cantinho da minha mansão. Eu acho que me apeguei demais àquela felicidade que Deus me deu. (moradora A)

Todo o sacrifício para construir sua casa, tanto nas economias, como no trabalho extra e o poder de decidir como será sua casa solidifica os vínculos de apego à moradia e ao lugar.

A declaração a seguir sintetiza a comparação entre morar em casa e apartamento. Na casa ficava com as portas abertas, havia o contato com a rua, com o exterior, havia o quintal, o terraço e podia ficar até tarde, em segurança. Ela é fumante e agora tem que descer para fumar, ou fumar dentro de casa.

Muita coisa. (mudou) [...] Eu acho, assim, que é o conforto. [...] Você não pode ficar à vontade, você não fica à vontade. E lá a gente ficava. [...] Lá eu tinha um portão com cadeado, eu botava o cadeado. Aqui era meu terraço, tinha uma grade [...]. No meu terraço eu abria as duas portas. Eu dormia, ficava aberto até uma hora da manhã com minha janela aberta, com os vidros abertos; fechado, no cadeado, mas no ventinho, à vontade, sabe? No meu quintal eu ficava até duas, três horas da manhã, se eu quisesse [...]. E aqui eu não tenho, fia, onde ficar, eu não tenho nem onde ficar. (moradora A)

Na favela ela tinha onde ficar, tanto fora, como dentro de casa; lugares que ofereciam conforto e segurança de estar até a madrugada; onde as pessoas conversavam, bebiam, se aproximavam uns dos outros, onde o espírito de comunidade ia sendo construído no cotidiano.

O segundo aspecto, a definição do arruamento e parcelamento dos lotes não seguiu o modelo tradicional e reticulado dos projetos urbanísticos da “cidade formal”. As ruas eram estreitas e sinuosas com alta densidade de ocupação do solo.

Em uma análise sobre os hábitos de moradia em casas de favela, Monteiro (1997) identifica o papel fundamental que o espaço doméstico desempenha na vida das mulheres. O barraco é aberto e cômodos são definidos de modo a possibilitar à dona de casa o desempenho de suas múltiplas tarefas, além de promover condições de sócia(bi)lidade e controle sobre o ambiente imediato à casa. Cozinhar e lavar roupa são atividades feitas onde se tem a visão da rua, onde as crianças brincam, onde se vê os vizinhos passando e onde notícias e novidades são compartilhadas informalmente.

Os dois aspectos físicos de produção do lugar, que dizem respeito à unidade habitacional e à morfologia do conjunto, possuem rebatimentos e conseqüências de diversas naturezas e expressam valores culturais, possibilidades, oportunidades e visão estratégica que se reflete em ganhos materiais e imateriais associados:

- A casa térrea é preferida ao apartamento como solução habitacional devido às possibilidades de ter jardim, quintal e contato direto com o exterior, com a rua; além

de poder criar bichos e de um maior contato com a natureza; mas com a privacidade preservada, por muros; o apartamento gera uma sensação de confinamento, de estar preso;

- O sentimento de segurança era maior, devido ao traçado de ruas tortuosas que promove grande controle; a organicidade oferecia segurança contra a entrada de estranhos ao local, além de haver um vigia comunitário que os protegia;
- No caso das mulheres, a estrutura rasa da moradia aberta ao entorno, permitia o desenvolvimento de múltiplas tarefas, além de promover condições de sócia(bi)lidade e controle sobre o ambiente imediato à casa;
- O sentimento de comunidade era maior e as práticas de sócia(bi)lidade e solidariedade mais intensas, devido a uma maior proximidade dos vizinhos.

Por outro lado, a situação da antiga favela, inserida em um bairro de classe média oferecia outras facilidades:

- O entorno garantia diversas oportunidades de trabalho – biscates e prestação de serviços – permanente e temporário com ganhos na renda familiar, no próprio bairro;
- Maior oportunidade de comércio e lazer, com a proximidade do Shopping Plaza, o Carrefour, o Hipercenter Bompreço, o Parque da Jaqueira e o Parque Santana e um campo de futebol.

A natureza “informal” e a precariedade da favela também permitiam a existência de mecanismos também informais que provocam ganhos indiretos em termos de renda:

- A informalidade das instalações de água e de luz permite que muitas vezes não se pague estas contas ou se pague a taxa mínima;
- A assistência social de igrejas e instituições filantrópicas com a distribuição de cestas básicas, alimentos, roupas, outros objetos, muitas vezes de forma sistemática.

As características físicas da favela refletem os valores culturais e as possibilidades dos moradores na produção do lugar. E estão repletas de estratégias criativas de sobrevivência para se adequar aos limites e às condições de que dispõem. E mesmo com a precariedade peculiar a uma favela – casas de madeira ou rejeitos e sem infra-estrutura – eles conseguiram “construir um lugar” que os faz sentir-se “comunidade”. Tanto é que a grande maioria se sentia “mais comunidade” antes; a maioria gostava mais de onde morava; a maioria preferia morar em uma casa. Todos esses fatores contribuem para que o sentimento de pertencimento ao lugar seja maior.

Em troca à antiga moradia, o que lhes foi oferecido como solução habitacional? Um apartamento de 42 m<sup>2</sup>, com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e uma pequena área de serviço que receberam de graça da Prefeitura do Recife. Para entender porque os moradores não gostam de morar no Conjunto Abençoada por Deus, é preciso saber um pouco mais como é a moradia neste conjunto.

### **3. A vida no Conjunto Habitacional Abençoada por Deus**

O Conjunto Habitacional Abençoada por Deus é um caso emblemático de solução habitacional verticalizada para baixa renda: são 428 apartamentos pelo qual os moradores não pagaram nada, por terem sido removidos da antiga Comunidade Abençoada por Deus devido à necessidade de ampliação da Av. Beira Rio, na Torre.

A maioria dos moradores que hoje habitam os apartamentos foram transferidos, em agosto de 2008, das palafitas à margem do Rio Capibaribe. Na pesquisa realizada com as 428 famílias cadastradas até 2004, apenas 23,5% eram em alvenaria de tijolos. A predominância era de 64% de construções de madeira, e 12% com material misto. Muitas das casas não possuíam banheiro próprio. A maioria dos imóveis (50%) possuía apenas um cômodo; 25,6% dois cômodos e 14,4% possuía três cômodos; somente 8% do universo pesquisado tinham entre quatro e seis cômodos. (PREFEITURA CIDADE DO RECIFE, 2004)

Considerando a precariedade das moradias nas palafitas, ao serem transferidos para o Conjunto Abençoada por Deus, o padrão das casas melhorou bastante. Esta afirmação considera que a maioria da população (90%) possuía casas com até três cômodos. (ibidem)

Os moradores gostam do apartamento, quando comparado com as instalações da antiga casa na favela, no entanto, este foi o único aspecto positivo identificado na moradia no novo conjunto. O que, a princípio, deveria ser uma solução habitacional para população de baixa renda, transformou-se em um lugar rejeitado pelos moradores, que afirmam sentirem-se numa prisão, sem espaço de lazer, sem ter onde ir e vir. Circulam nas ruas internas do conjunto, mas até certa hora da noite, pois vivem com medo da violência, principalmente do narcotráfico. O depoimento de uma moradora é emblemático: “Não me sinto bem. Não me sinto segura. Não me sinto confortável.” Além do depoimento já mencionado de uma outra moradora que “[...] preferia voltar pros ratos e pras baratas que não faz mal a ninguém”.

As diversas narrativas claramente indicam que havia algo que ficou naquele “lugar” que a nova moradia não tem e que faz preferir voltar à antiga situação, mesmo com os ratos e as baratas. Mas, quais as outras razões que fazem alguns moradores rejeitarem o morar em um apartamento como o recebido e preferirem voltar para a favela?

Ouvir estes moradores pode propiciar uma melhor compreensão do modo de viver da população de baixa renda e contribuir para que as políticas habitacionais possam ter maior efetividade à população a que se destina. Esta pesquisa estruturou entrevistas individuais e resultados obtidos em três grupos focais realizadas com moradores relocados da Favela de Abençoada por Deus.<sup>3</sup>

### **3.1 O que os Moradores Rejeitam na Moradia de Apartamentos em Conjunto Habitacional**

A rejeição à nova moradia foi identificada nas entrevistas individuais e nos três grupos focais. Uma forte razão para a rejeição é a violência e a insegurança. Uma participante do grupo focal de mulheres, a única participante que declarava gostar de morar no lugar, declarou que o lugar era como uma cadeia. Mesmo não sendo um conjunto de periferia, as poucas linhas de ônibus e a irregularidade dos serviços para acesso ao local aumentam o sentimento de distância, medo e insegurança face aos assaltos e outros tipos de violência.

O sentimento de prisão é produto da insegurança de circular nas ruas internas e ao entrar e sair do conjunto, levando a que o conjunto seja conhecido como Cotel, nome de um dos presídios do Estado.

Aqui é uma cadeia sem dever, não é? [...] É que a gente veve preso. [...] Sabe como é o nome daqui? – Cotel. [...] É uma prisão, porque não tem pra onde ir aqui. [...] A gente vai na cidade aí chega aqui de oito horas, vem num táxi. Vai entrar? ‘Não senhora, eu não entro nesse prédio não.’ (moradora C, grupo focal de mulheres)

O fato de serem conhecidos como Cotel gera um estigma nos moradores. Táxis não entram no conjunto por acharem perigoso, motoristas de ônibus “brincam” e provocam moradores ao “apelidarem o conjunto de ‘Cotel’”. Esta moradora que no grupo focal demonstrava orgulho e forte auto-estima, sentiu--se constrangida com a brincadeira de um motorista

Vem no ônibus, [...] quando vai descer do ônibus o motorista do ônibus fala pra você: “Ei senhora, aí é o Cotel? (risos) Aí eu digo a ele: “É não, moço, é a casa da sua mãe.” Aí no outro dia o que é que acontece? Eu fico com medo que é o mesmo motorista do ônibus, porque eu falei da mãe dele e a gente não deve falar da mãe de ninguém. (moradora C, grupo focal de mulheres)

Por outro lado, o sentimento de prisão e isolamento que a moradia em um apartamento gera inibe a sociabilidade, a aproximação e a troca um com o outro, como ilustra este depoimento: “Não, aqui é cada casa com as portas fechadas. Não tem, assim, como desabafar, conversar, sabe? E lá não, lá a gente botava o banquinho na frente, ficava conversando.” (moradora A) (ver fotos 6 e 7)

A não possibilidade de escolha agrava o desconforto e o sentimento de não pertencimento ao lugar, como pode ser verificado no depoimento a seguir. Quando perguntada se gostava de morar no local, a mesma moradora respondeu:

[...] é um lugar muito preso. Você tem que ficar trancado, como numa prisão mesmo. Totalmente diferente de morar numa casa. [...] Eu sabia como era, eu já conheci desde o começo porque eu fazia parte da comissão. Ou você vinha morar aqui, ou ficava sem moradia. Você não tinha escolha: era pegar ou largar. Não tinha indenização, ou você vinha morar, ou ficava na rua. Eu não tenho condições de pagar aluguel de casa, então eu tinha que aceitar. Mas se tivesse outras opções, sem prejudicar ninguém, eu aceitaria outra, sem ser aqui. (moradora A)

Ao comparar com a moradia anterior, ela não sente melhoria em nada. E aponta o que falta ao local: a falta de espaço, que está associado à clausura dos apartamentos, por ter que deixar as portas fechadas e a insegurança externa, produto da violência que o tráfico de drogas desencadeia.

Aqui é melhor... pra ser sincera? Acho que nada. É bom porque é a minha casa, que Deus me deu. Mas pra dizer com a felicidade do fundo do meu coração, é melhor do que [...] aquele lá? É não. [...] Lá tinha tudo, aqui eu não tenho espaço, aqui não tenho inspiração, aqui não tenho uma vida. Um lugar pra você ficar à vontade, aqui não tem. Lá eu tinha. Eu tinha meu quintal, meu espaço, à vontade, não incomodava ninguém e ninguém me incomodava. Aqui você tem que chegar, fechar a porta e ficar fechado. Se você descer ali, é arriscado vir uma bala e lhe matar. Aqui na frente, o crack. Aqui o tráfico tá sério e é uma disputa danada. Chega a polícia com tudo, aí imagina: polícia e bandido junto, troca bala. Já teve muita bala, muuita! (moradora A)

### **3.1.1 Jovens no conjunto: sem espaço e identidade**

Este sentimento negativo em relação a morar no conjunto e à própria comunidade foi identificado também nos vários grupos focais. Quando perguntados sobre o que achavam em relação à comunidade, os jovens respondem: “De bom ou de ruim? (risos) Essa comunidade aqui é péssima. [...] Porque as amizades daqui é pior. (Antes) Era melhor porque aqui é tudo distante... [...] Lá era melhor.” (vários jovens, grupo focal de jovens)

Os laços de amizade diminuíram. Como a maioria dos entrevistados, os jovens também se sentiam mais comunidade na favela. Uma moradora chega a declarar que antes conhecia a maioria das pessoas. “[...] aqui não, tem muita gente que eu não conheço. [...] Lá o povo era mais amigo, aqui não, depois que vieram pra cá todo mundo se afastou” (moradora G). O sentimento era de ter mais amigo antes, mesmo que os que moravam à época do cadastro foram transferidos.

Os jovens e as crianças também não se sentem reconhecidos enquanto categoria e expressam o sentimento de não haver lugar pra eles. Consideram-se discriminados pelos adultos, moradores do conjunto, que por sua vez também são discriminados no bairro. Para os dois grupos a falta de equipamentos de lazer, como uma quadra, é um exemplo de que

não têm vez; seus interesses não são respeitados. “Porque não gostavam da gente. É muito perto de comunidades que são contra a Torre [...]. Aí vem meter bala aqui, querem pegar os caras daqui, isso foi no começo, morreu muita gente.” (morador D, grupo focal de jovens)

Mesmo não se sentindo “reconhecidos” enquanto categoria, os jovens de Abençoada por Deus não conseguem encontrar uma forma organizada para suas reivindicações. Isto não é suficientemente mobilizador para uma luta organizada nem por reconhecimento, nem por direitos, diferentemente do que Honneth (2003) argumentou. Uma leitura poderia apontar que não se vêem, enquanto categoria, capazes de promover mudanças sociais. Também não vislumbram nenhuma forma efetiva de serem escutados nos seus anseios, nem de luta para terem seus direitos garantidos. Uma outra leitura poderia estar associada ao crescimento da violência e das drogas como uma forma, mesmo negativa, de lutas sociais por reconhecimento de direitos.

É, não se pode jogar bola. [...] De que adianta a gente lutar pela melhoria se a gente sabe que a presidente... (do conjunto) [...] Não adianta de nada [...]. Agente faz um abaixo-assinado e não sabe a quem levar, a quem dar... À Prefeitura? Um bando de adolescentes com um papel na mão, na Prefeitura vão olhar pra cara da gente, vão dizer o que? (morador D, grupo focal de jovens)

O depoimento dos jovens também revela a falta de privacidade que a alta densidade que a solução verticalizada e multifamiliar provoca. Sentem suas vidas invadidas, sem privacidade, por conta da fofoca, como atesta um participante do grupo focal de jovens: “Agora está tudo perto [...] as mulher que não tem o que fazer, em vez de estar em casa, arrumando a casa vai cuidar da vida dos outros. Três horas da manhã está as mulher na janela olhando a vida dos outros, três horas da manhã!” (morador D, grupo focal de jovens)

Esta outra moradora salienta a falta de equipamentos de lazer, quando comparado com a moradia anterior. A distância da escola da filha e maiores oportunidades de trabalho que existia na moradia anterior são exemplos das perdas sofridas com a mudança para a nova moradia.

Lá tinha praça, [...] tinha o Parque Santana, lá. Aqui não tem nada, lá, pra mim, era melhor porque a maioria das minhas coisas são pro lado de lá. A escola da menina, levo ela de bicicleta. A escola lá é boa, é conveniada com o Damas, [...] quem paga é o Damas, já que eu não tenho condições de pagar uma particular, [...] lá aparecia uma faxina ou outra, porque lá a gente tinha mais conhecimento, aqui não, tudo fechado. (moradora B)

As dificuldades de conseguir trabalho é quase senso comum entre os entrevistados. A familiaridade com a vizinhança e a inserção em um bairro de classe média oferecia muito mais oportunidades de biscates. “[...] lá na Torre [...] a gente arrumava qualquer coisa! [...] A gente arrumava as coisas fácil... [...] Fácil, assim... de arrumar... [...] De se manter ocupado aqui, não! [...] Aqui, para arrumar, é muito difícil, viu?!”(risos) (moradora F, grupo focal de mulheres)

### **3.1.2 Criminalização e estigmatização da pobreza**

Esse sentimento de insatisfação e rejeição de morar no conjunto é construído no enfrentamento cotidiano de condições concretas e de outras intangíveis que se referem à percepção de controle, sensação de segurança ou liberdade, aspectos que os fazem não gostar de morar lá.

Ademais, a remoção da antiga comunidade não foi realizada de forma a evitar os danos que tal situação provoca. Alguns se sentem “arrancados” do local onde moravam sem direito a nenhuma escolha. “Foi muita dor, foi muito triste. Eu nem fiquei na hora de derrubar, eu fui embora. Eu fui uma vez lá, me deu uma dor dentro do coração, fui lá outra vez, nem olhei lá pra parte que tá derrubado.” (Moradora A) Três mulheres atestaram o sofrimento que foi a remoção. Uma entrevistada menciona que perdeu pertences na mudança.

[...] a gente passou um dia e uma noite no escuro, nós com a última pessoa [...] só foi duas família que passou na favela, sem luz, sem água e sem teto. Tiraram as telhas, tiraram a luz porque naquele momento o caminhão da prefeitura fechou, não trabalhou mais e a gente ficou no meio da rua, só com as paredes, mas sem energia. (moradora C, grupo focal de mulheres)

No local onde moravam anteriormente recebiam ajuda assistencial das igrejas católica, evangélicas e budistas, que distribuíam cestas básicas, sopa, e outras formas de ajuda básica assistencial.

No sábado tinha um pão [...]. Tem sopa todo dia, quando a pessoa não tinha o que comer, ia lá pegar a sopa, todo dia. Eu ia correndo pra pegar. Mas é assim, daqui que eu chegue lá na Torre, não tem mais sopa pra comer. Perdi uma hora. Eu quando ia lá no depósito: - por favor me arruma uma carroça aí; eu puxava, não tenho vergonha de dizer não; mas aqui eu tenho vergonha. [...] Eu tenho. Meus filhos tudinho puxavam carroça. Agora, chegaram aqui, ninguém quer puxar mais carroça. [...] Por que? Eles dizem que agora moram num prédio, num apartamento. (moradora E, grupo focal de mulheres)

Quem “puxava carroça”, coletava material reciclável do lixo, para revender, sente-se envergonhado de continuar a desenvolver esta atividade. Quando moravam na favela não se sentiam incomodados em “puxar carroça”. Ao passarem a morar em apartamentos, percebem que “puxar carroça” não é uma atividade adequada a esta moradia.

Ao mudarem para os apartamentos perderam o suporte assistencial, possuem mais ônus com as contas a pagar, não mudou a condição sócio-econômica, ao contrário, algumas atividades são incompatíveis e a oferta de opções também foi reduzida devido à concorrência. Muitos voltam ao lugar onde moravam para continuar com o benefício que tinham, mas como não moram mais naquela localidade, não são contemplados. Como uma população extremamente pobre, onde 73% possui renda entre 0 a 1 SM, vai poder cumprir com taxas, tributos e outras obrigações? Os que não conseguem manter o padrão de vida neste local alugam ou vendem o apartamento.

### **3.1.3 O sonho imperfeito da casa própria**

O aspecto positivo apontado com freqüência é a propriedade do apartamento. “[...] só é o apartamento que é bom. [...] As vizinhas, não presta! (risos) [...] energia, paga; água, paga...” (moradora F, grupo focal de mulheres) Uma outra entrevistada menciona a melhoria na infra-estrutura de água e luz, mas ao mesmo tempo o acréscimo que estas contas provocam no orçamento, já que antes eram clandestinas. “Melhorou a estrutura, porque aqui tem energia [...] água encanada, estrutura da casa. [...]. O que mudou, pra mim, só foi isso mesmo. [...] porque aqui tem água, luz pra pagar, lá a gente não tinha essa responsabilidade, e pra quem tá desempregado, né, ficou mais difícil.” (moradora B)

Mesmo com todas as adversidades apontadas, a realização do sonho da casa própria faz esquecer muitas insatisfações. “A coisa mais importante da minha vida foi esse apartamento, que eu nunca tive na minha vida, aí pra mim é emoção mesmo. Eu saí beijando do térreo até o segundo andar. [...] Beijando o chão [...] foi a coisa mais importante que Deus me deu.” (moradora E, grupo focal de mulheres) Este depoimento demonstra o quanto foi importante para ela receber este apartamento e mesmo que não goste do conjunto habitacional, mas receber sua casa foi motivo de muita alegria, ao ponto de “beijar o chão” de quatro pavimentos numa demonstração de felicidade e agradecimento.

Esta outra moradora gosta do apartamento. No entanto, a aprovação do Conjunto Abençoada por Deus como política pública também está associada ao sonho da casa própria. Um sinal de que esta solução habitacional não satisfaz e não atende aos interesses dos usuários é a vontade de trocar ou vender.

Venderia, eu não pensava nem um segundo, pra comprar uma casa em outro local. Não é porque eu queira ser melhor do que ninguém, é pra em inspirar; porque a vida que eu vivi, no campo, solto, livre, desimpedido... eu sempre vivi assim. Mesmo vivendo em São Paulo, mas eu sentava na calçada, conversava, fazia festa. E aqui é meio preso, meio preso não: é preso!!! (moradora A)

Este depoimento sintetiza a inadequação de cultura e de hábitos. Muitos moradores das favelas migraram do campo e possuíam hábitos da zona rural.

A tipologia de apartamentos, com cômodos fechados e sem visão para os espaços de transição e movimento, sem interface pública, implica na impossibilidade de replicar hábitos e atividades da vida anterior que constroem a felicidade em vidas marcadas pelo enfrentamento de tantas dificuldades. (MONTEIRO, 1997)

Os principais aspectos motivadores da rejeição da nova moradia estão associados a:

- i) insuficiência de renda para poder arcar com contas fixas de água, luz e condomínio;

- ii) localização em bairros ou áreas periféricas onde existem outros conjuntos habitacionais do mesmo padrão, aumentando a densidade populacional e crescendo a demanda por trabalho e serviços, levando à hostilização dos antigos moradores em relação aos novos;
- iii) perda de toda a rede de assistência social (igreja, organizações sociais, etc) de que dispunham onde moravam anteriormente;
- iv) inadequação do tamanho e da tipologia habitacional do apartamento que é rejeitada pela população de baixa renda;
- v) o projeto urbanístico pobre com ruas ortogonais e grandes corredores que não oferece condições de reunião e controle e fazem os moradores se sentirem expostos à entrada de estranhos ao conjunto;
- vi) insuficiência de opções de lazer dentro e fora dos conjuntos também potencializa conflitos; e
- vii) presença aberta da disputa por o tráfico de drogas intensifica a violência e a sensação de insegurança entre os moradores.

Alguns sinais físicos da rejeição ao local se refletem no estado de alguns espaços coletivos, como os bancos de uma pracinha interna, o centro comunitário que foi depredado a cerca de um mês de moradia e os boxes, que deveriam ter uma destinação comum, têm uso privatizado.

Apesar dos aspectos negativos apontados pelos moradores, há pontos positivos na moradia em um conjunto de apartamentos, que está associado ao sonho da propriedade da casa própria. Nestas situações não é a política pública que é considerada eficiente, mas ter conseguido acesso a este sonho. Esta é a percepção de vários moradores de Abençoada por Deus, que rejeitam o conjunto habitacional, mas avaliam como positivo ter recebido o apartamento.

Um fato curioso é que mesmo os moradores que declaram não gostar do lugar, quando perguntados se gostariam de morar em outro local, preferiam continuar onde moravam, apesar das críticas e insatisfações. No depoimento a seguir, esta senhora, que se sentia tão feliz onde morava antes, agradece a Deus e declara gostar, porque é a casa dela. É como se o sonho da casa própria fosse tão importante, que faz com que ela não sinta que pode reclamar. Agora é dona da sua casa.

Moraria aqui mesmo, até Deus iluminar outra coisa. Quem sabe com o tempo eu não me acostumo? Porque tudo vai com o tempo. Apesar que, lá eu gostava desde o começo. Mesmo sendo coisinha de plástico, barraquinha de plástico, aquela casinha de cachorro que a gente vivia, que

a gente fez pra morar, mas eu amava, eu era tão feliz! Eu morei 8 anos em São Paulo, pagando aluguel; cheguei de São Paulo fui morar na casa da minha irmã; meu cunhado não queria; minha irmã pegou esse cantinho pra mim, com minha filha, eu fiquei tão feliz. [...] Eu tenho, agradeço à Deus. Porque eu tenho, tem muitos que não têm. Não estou reclamando, eu gosto, é meu. (moradora A)

Um aspecto relevante é o fato de ela gostar do antigo lugar desde o início, mesmo quando a casa era precária, sentia-se muito feliz. O amor que tinha pela casa anterior era tão grande e a felicidade por ter a casa, que era como se ela tivesse o mundo: “Eu ganhei, eu acho que meu amor foi tão grande que chegava nesse sofá, ficava olhando assim, paredinha por paredinha, telhinha por telhinha, chega meu peito abria assim, parecia o mundo. É tudo meu, porque Deus me deu.”<sup>5</sup> (moradora A)

Algumas iniciativas demonstram a vontade de preservar antigos laços existentes e o espírito de comunidade, através de momentos coletivos em atividades de lazer, mesmo que a tipologia dos conjuntos habitacionais verticais torne estas iniciativas mais restritas. O que demonstra uma capacidade para se adaptar às dificuldades de moradia em ambientes hostis, e que produz soluções criativas. A socia(bi)lidade acontece nos corredores dos andares e ruas internas, onde se encontram para beber com amigos e antigos vizinhos. Também improvisam o lazer com um bingo nos espaços coletivos e de circulação, que reúne crianças, jovens e adultos. (ALCÂNTARA; MONTEIRO, 2010). Esse potencial deve ser considerado para reformular as diretrizes das políticas habitacionais com vistas a fortalecer a integração social e a satisfação com o lugar em que moram.

Esta realidade foi observada no Conjunto Abençoada por Deus, mas pode ser encontrada em outros conjuntos habitacionais de baixa renda no país. Esse padrão de solução vem sendo multiplicado no Brasil e na América Latina. Algo está faltando no desenho da política pública habitacional para baixa renda que falha por não conseguir satisfazer e atender as necessidades dos moradores.

Outros países, como Estados Unidos, França e Inglaterra passaram a rever este modelo de conjuntos habitacionais por provocar os mesmos problemas dos nossos conjuntos: rejeição, segregação, drogas, violência, criminalidade. Em alguns locais a solução tem sido a diversidade de padrões de habitação, colocando em um mesmo bairro distintos grupos sociais, evitando a tão comum segregação entre os pobres e os ricos.

### **3. Lições para construir para as pessoas com estilos de vida informal**

Mas como fazer conjuntos habitacionais que fujam ao padrão atual – de prédio caixão, com quatro pavimentos – tão rejeitado pelos moradores?

Não pretendemos neste artigo estabelecer um modelo de solução habitacional ou de padrão construtivo, apenas sugerir alguns pontos para reflexão com base nos depoimentos

coletados por os moradores do Conjunto Abençoada por Deus, bem como na experiência das autoras.

A primeira sugestão diz respeito à morfologia dos conjuntos habitacionais. O partido urbanístico deveria reproduzir lógicas locais de proximidade de espaços de entorno e relação com espaços maiores ou de acesso. Como o espaço poderia reproduzir campos visuais que permitem a visão de dentro das casas aos espaços públicos permitindo a emergência de controles e fonte de comunicação e sociabilidade? A importância de aberturas e não pequenas janelas melhorando as condições de ventilação e conforto visual não devem ser desprezados tanto no desenho da casa como no do conjunto.

As modificações executadas nos conjuntos habitacionais na busca de uma maior semelhança aos assentamentos informais (MONTEIRO, 1996; MONTEIRO, 2000; MARQUES et al, 1998; AMORIM, 2009; AMORIM, 2001) não fornecem pistas em direção a uma morfologia mais adequada aos padrões culturais? Possivelmente esta opção demandará mais trabalho em relação aos projetos das redes de infra-estrutura urbana, como água, esgoto, iluminação pública, arruamento, entre outros, mas poderá oferecer uma morfologia mais compatível com estilos de vida e reprodução de hábitos que geram satisfação e sustentabilidade da vida cotidiana.<sup>6</sup>

Muitas vezes essa padronização pode estar associada à reprodução de um padrão de traçado reticular, que busca uma maior racionalidade das redes dos diversos sistemas de infra-estrutura não considerando que os efeitos sociais desta simplificação são mais profundos e socialmente custam muito mais com os efeitos negativos sofridos a longo prazo. A ordem e simplicidade no traçado dos projetos habitacionais parece não considerar as contribuições de arquitetos, urbanistas, engenheiros que pensam soluções mais criativas, que fujam do simples padrão econômico, mas que possam melhor atender aos estilos de vida dos usuários.

Neste contexto de incorporação de valores culturais da vida das pessoas e principalmente as pessoas pobres cuja sobrevivência depende sobremaneira do espaço onde vivem, deveria-se mudar o foco, ao invés de procurar a satisfação de necessidades, consideradas como atributos individuais e universais, começar a conceber espaços para abrigar práticas sociais, considerando, o que, quando e onde as pessoas realizam atividades privadas e sociais que dão substância à vida e ao sentido de felicidade.

#### **4. Considerações Finais**

A história dos moradores de Abençoada por Deus reforça vários aspectos que devem ser considerados na produção de moradias para que haja maior efetividade nas políticas públicas habitacionais:

- i)** É necessário uma revisão no conceito de participação. O simples processo de enquete não garante uma reflexão aprofundada dos moradores sobre as decisões relevantes<sup>7</sup> sobre os projetos, assim como os efeitos de uma nova localização, de traçado urbanístico, da tipologia habitacional, do projeto de arquitetura em suas vidas;
- ii)** A possibilidade de participação na construção e ou na transformação de sua moradia, para que se sintam protagonistas da construção do lugar em que irão morar;
- iii)** Incorporação dos hábitos e a cultura local dos moradores identificando os aspectos fundamentais da experiência residencial e que devem ser preservados assim como condições para emergência de novas possibilidades sociais;
- iv)** A noção de casa como espaço doméstico em evolução que passam por transformações no decorrer da vida, com o aumento e diminuição de filhos, necessidades de trabalhar em casa, etc.;
- v)** A noção de que a vida doméstica se associa e se reforça na vida social do seu entorno imediato. Relação entre número, forma de agregação e individualidade das unidades habitacionais no conjunto habitacional podem oferecer melhores condições de relação entre os moradores;
- vi)** A opção de remoção deve ser sempre evitada e quando absolutamente necessária deve ser realizada da forma mais inclusiva possível buscando a integração no novo local onde irão morar, o que pode necessariamente requerer o desenvolvimento prévio de interfaces urbanas entre os grupos existentes e os novos moradores.
- vii)** A configuração do assentamento parece também facilitar ou inibir expressões de solidariedade e de sociabilidade. Os assentamentos espontâneos e horizontais parecem facilitar a interação e ocorrência dessas manifestações, devido à forma do assentamento, com casas bem próximas, mais do que os conjuntos habitacionais verticais em que os moradores sentem-se fechados e segregados dentro dos apartamentos. (ALCÂNTARA; MONTEIRO, 2010)

E finalmente, para que as soluções habitacionais sejam exitosas não é suficiente construir uma edificação internamente confortável, é necessário construir um “lar” e um “lugar” em que os moradores se sintam parte dele. Sem isso, continuar-se-á a produzir prisões que individualmente podem até ser a causa de doenças<sup>8</sup> e morte entre os moradores e socialmente uma sentença de criminalização das jovens gerações.

Fotos



Foto 1 vista geral das palafitas



Foto 2 – a vista do exterior de dentro de uma palafita



Foto 3 – tipologia de palafita



Foto 4 – construção evolutiva



Foto 5 – material das paredes



Foto 6 – vista geral do conjunto



Foto 7 – sociabilidade nos corredores

Notas

1. Resultados e reflexões para a tese “Solidariedade em Comunidades de Baixa Renda: análise das práticas cotidianas a partir do sistema da dádiva”, desenvolvida no MDU/UFPE, a ser defendida em 03/2011 e de uma reedição do artigo “Em que a Vida na Favela é Melhor do que em um Conjunto de Apartamentos? O caso de Abençoada por Deus, Recife”, V ANNPAS, Florianópolis, 10/2010.

2. As medidas mitigadoras pretendiam: i) incrementar renda para melhor adaptação às mudanças; ii) fixar a população com capacitação profissional, qualificação da mão de obra local e oportunidades de trabalho; iii) desenvolver ações educativas para uso, conservação e manutenção dos equipamentos e co-responsabilidade da comunidade; iv) realizar ações educativas para que a população exerça o controle e evite a especulação. (PREFEITURA CIDADE DO RECIFE, 2004, p. 44)
3. Foram realizadas visitas de observação direta, entrevistas em profundidade, relatos de história de vida e grupos focais com mulheres, jovens e crianças em um total de 34 pessoas.
4. Axel Honneth defende que em grupos étnicos e minorias em que os direitos não tenham sido garantidos, ou se sintam estigmatizados, pode ocorrer luta por reconhecimento. (HONNETH, 2003)
5. A religiosidade implícita nesta fala merece uma leitura mais acurada. Para ela a casa foi um presente de Deus, mesmo com toda a sua luta para construí-la lentamente e na medida do possível.
6. A consulta à população através de oficinas técnicas para simulações do traçado das ruas também poderia ser um estratégia de inclusão dos usuários na decisão.
7. Alguns moradores declararam que foram consultados apenas sobre a cor dos blocos.
8. Uma moradora declarou que sentia uma moleza muito grande e que não tinha vontade de sair pra lugar nenhum. Possivelmente estava deprimida, por razões pessoais, mas devido ao ambiente.

## Referências

- ALCÂNTARA, Edinéa. Solidariedade e Dádiva em Comunidades de Baixa Renda: uma análise destas manifestações nas práticas cotidianas e na qualidade do ambiente. Memorial de Tese de doutorado. Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- ALCÂNTARA, Edinéa; MONTEIRO, Circe. Socia(bi)lidade e Solidariedade em Comunidades de Baixa Renda: Práticas para Viver em Ambientes Hostis. In SEABRA, Giovanni; SILVA, José Antônio Novaes da; MENDONÇA, Ivo Tadeu Lira (orgs). A Conferência da Terra: aquecimento global, sociedade e biodiversidade. Vol. 3. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. pp. 17-24.
- AMORIM, L.; LOUREIRO, C. Uma figueira pode dar rosas? Um estudo sobre as transformações em conjuntos populares. *Arquitextos* (São Paulo), São Paulo, v. 09, n. Fevereiro, p. 53, 2001.
- CANCLINI, N. G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- LEITAO, G. E. A. Transformações na Paisagem Urbana: Favelização de Conjuntos Habitacionais. *Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, p. 50-50, 2000.
- LOW, S and LAWRENCE-ZUÑIGA, D. *The anthropology of Space and Place*. Oxford: Blackwell Publishing.(2003)
- MONTEIRO, C. M. G. Enclaves, Condominiums, and Favelas: Where Are they in Brazil? *City and Community*, v. 7, p. 378-383, 2008.
- \_\_\_\_\_. Virando pelo Avesso: Transformações no espaço de conjuntos habitacionais. In: IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2000, Natal. *Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 2000.
- \_\_\_\_\_. The Morphology Of Domestic Experience: A Comparative Analysis Of The Spatial Patterns Of Domestic Activity In Brazilian Dwellings.. In: *Space Syntax First International Symposium*, 1997. *Proceedings*. London. v. II. p. 20.1-20.15.
- PREFEITURA CIDADE DO RECIFE. Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio ambiente. Empresa de Urbanização do Recife – URB. Projeto Integrado de Urbanização de Assentamentos Subnormais – UAS. Memorial Descritivo e Justificativo da Comunidade Abençoada por Deus – Recife/PE. Projeto de Participação Comunitária, volume III, 2004.
- RAPOPORT, A. *Culture, Architecture and Design*. Chicago: Locke Science Publishing Company, Inc. 2005.
- TURNER, J. *Freedom to Build: Dweller Control of the Housing Process* (New York: Macmillan, 1972).
- \_\_\_\_\_. *Housing by People: Towards Autonomy in Building Environments*, Ideas in progress (London: Marion Boyars, 1976)